



CONFERÊNCIA DO CLIMA

Lula alerta: planeta aquece rapidamente

Na reunião preparatória para a COP30, que reuniu chefes de Estado e de Governo, presidente exorta países a levarem mais a sério o aumento da temperatura da Terra e a realmente implantarem políticas que desacelerem as mudanças climáticas

» FERNANDA STRICKLAND
» FERNANDA GHAZALI*

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva aproveitou a reunião preparatória entre chefes de Estado e de Governo para a 30ª Conferência do Clima da ONU (COP30), ontem, para enfatizar a gravidade do momento vivido pelo planeta diante das mudanças climáticas. Ele frisou que o “aquecimento global está ocorrendo em ritmo mais acelerado do que o previsto”.

“Negar a crise climática não vai fazê-la desaparecer. Precisamos assegurar que o multilateralismo e a cooperação internacional sigam como pedra angular da resposta global à mudança do clima”, exortou Lula, acrescentando que o Acordo de Paris foi fundamental para reverter projeções ainda mais pessimistas de elevação da temperatura.

As preparações para a COP30 e as ações contra o aquecimento global passam por um momento crítico desde a chegada de Donald Trump à Casa Branca. Negacionista das mudanças climáticas, no plano interno o presidente vem cortando financiamentos para projetos e programas climáticos e, no externo, retirando os Estados Unidos de consensos globais sobre a necessidade da redução dos gases de efeito estufa e para a preservação de biomas — como a Amazônia.

Lula conduziu o encontro em conjunto com o secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, que reuniu chefes de Estado e de governo, como o presidente da China, Xi Jinping; da França, Emmanuel Macron; da Turquia, Recep Tayyip Erdogan; e da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen. O presidente alertou para o risco de ecossistemas como florestas, geleiras e mares atingirem pontos de não retorno, mencionando especificamente

“a pior seca da história na Amazônia” e “o branqueamento massivo de corais no oceano causado pelo calor extremo”. “Em 2024, a temperatura média da Terra ultrapassou pela primeira vez o limite crítico de 1,5° acima dos níveis pré-industriais”, frisou.

Compromisso

Segundo Lula, o Brasil está inteiramente comprometido com a redução das emissões. “Queremos fazer da COP30 um grande mutirão em prol da implementação dos compromissos climáticos. O planeta já está farto de promessas não cumpridas”, ressaltou.

De acordo com Guterres, a reunião faz parte de uma mobilização mais ampla em torno da emergência climática e suas implicações para as economias globais. “Não temos um momento sequer a perder. Nenhuma região está sendo poupada da devastação das catástrofes climáticas que se aceleram. E essa crise está aprofundando a pobreza, deslocando comunidades e alimentando conflitos e instabilidade”, advertiu.

Segundo o ministro das Relações Exteriores, Mauro Vieira, Lula reafirmou o compromisso do Brasil com um novo modelo de desenvolvimento baseado em três pilares: prosperidade econômica, sustentabilidade ambiental e inclusão social.

Já a ministra do Meio Ambiente e Mudança do Clima, Marina Silva, considerou a reunião “muito promissora” e cobrou que os países apresentem propostas mais ambiciosas, alinhadas com os objetivos do Acordo de Paris. A ministra também destacou iniciativas discutidas no encontro, como a criação de um fundo para recompensar financeiramente quem protege as florestas.

*Estagiária sob a supervisão de Fábio Grecchi

Ricardo Stuckert/PR



Lula e Guterres na preparatória da COP: preocupação com a lentidão na aplicação da agenda do clima

Agricultura protagonista

O presidente da COP30, o embaixador André Corrêa do Lago, afirmou que o Brasil pretende dar protagonismo ao setor agrícola durante a conferência climática, em Belém, em novembro, mostrando seu papel para ajudar no combate às mudanças climáticas. “A agricultura é um tema que o Brasil quer acentuar muito”, disse, em vídeo exibido durante o evento Rumo à COP30: O Agronegócio e as Mudanças Climáticas, promovido pela Associação Brasileira do Agronegócio (Abag), ontem, em São Paulo.

Segundo Corrêa do Lago, a COP será uma oportunidade para o país mostrar como a produção agropecuária nacional pode ser parte da solução frente à crise climática. Ele destacou que, apesar de a agricultura ser tradicionalmente tratada apenas como vítima das mudanças no clima, há espaço para um novo olhar.

“A agricultura tem de aparecer como um dos principais elementos, não apenas no que diz respeito às consequências das mudanças climáticas, mas também ao que ela pode trazer de positivo”, disse. O presidente da COP30 defendeu que o setor tem potencial de contribuir com soluções como, por exemplo, por meio da captura de carbono.

Indicado pelo governo para ser o climate high-level champion (campeão climático de alto nível) da COP30, o empresário Dan Ioschpe defendeu que o agronegócio tem papel estratégico no desenvolvimento socioeconômico do país e deve ser parte central da agenda climática. “É difícil para a gente ter uma estratégia de desenvolvimento socioeconômico no ambiente de sustentabilidade e de boas práticas que não contemple fortemente o agronegócio”, explicou.

FORMAÇÃO SUPERIOR

Novo exame avaliará o ensino médico

O Ministério da Educação (MEC), em conjunto com o Ministério da Saúde, anunciou, ontem, a criação do Exame Nacional de Avaliação da Formação Médica (Enamed), para avaliar o desempenho de estudantes de medicina e dos cursos de formação médica. A prova será aplicada anualmente, substituirá o Enade e servirá como via de acesso a residências médicas, sendo obrigatória para todos os formandos. Ela também poderá ser feita por médicos já formados que desejam se especializar.

O exame terá o número de questões ampliado de 40 perguntas (no Enade) para 100 questões em áreas básicas da medicina — como ginecologia, pediatria, clínica médica, clínica cirúrgica e medicina da família. A expectativa é que o modelo entre em vigor em outubro deste ano.

O Enamed funcionará como porta de entrada para residências médicas, sendo unificado com o Exame Nacional de Residência (Enare) — o “Enem das residências”. Agora, as vagas de acesso direto (destinadas a candidatos que ainda não



O candidato que tiver a nota mais alta no Enamed, que concorrer ao Enare, escolhe a vaga (na especialidade em que está concorrendo) em qualquer instituição (que tenha vaga de residência pelo Enare)

Arthur Chioro, presidente da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares

concluíram uma especialização médica e que representam 91% das vagas disponíveis no Enare) utilizarão a nota do Enamed.

“O candidato, nas provas de acesso direto, fará a prova do Enamed e o resultado será considerado no Enare. O candidato que tiver a nota mais

alta no Enamed que concorrer ao Enare vai escolher a vaga (na especialidade em que está concorrendo) em qualquer instituição (que tenha vaga de residência pelo Enare)”, explicou Arthur Chioro, presidente da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares, que cuida dos hospitais universitários.

A ideia de unificar o Enamed com o Enare surge como um estímulo para a participação e o comprometimento dos estudantes com a prova. “A adesão das escolas públicas e privadas vai ser muito maior, porque (além de estar avaliando seu desempenho) o estudante também vai estar concorrendo a uma vaga de residência com aquela nota, caso queira”, acrescentou Chioro.

A expectativa do MEC é de que 42 mil alunos recém-formados em medicina participem do Enamed, em outubro, além daqueles já formados anteriormente e que desejam prestar prova para uma vaga de residência. O governo prevê também que a prova será aplicada em 300 cursos e em 200 municípios.

Mais de 2 mil conflitos no campo em 2024

Reprodução/Redes sociais



O Brasil registrou 2.185 conflitos no campo em 2024, de acordo com o levantamento Conflitos no Campo 2024, do Centro de Documentação Dom Tomás Balduino, da Comissão Pastoral da Terra. Em toda a série histórica (desde 1985), o ano passado ficou atrás somente de 2023, que registrou 2.250 confrontos. O resultado, porém, não significa um número alto de assassinatos. O levantamento registrou, em 2024, o menor número de homicídios em conflitos dos últimos 10 anos. Foram 13

homicídios, com os indígenas se mantendo como as principais vítimas — cinco indígenas, três sem-terra, dois assentados, um pequeno proprietário, um posseiro e um quilombola. O relatório aponta, ainda, que a principal categoria responsável pelos assassinatos foram os fazendeiros (46% dos casos). Do total, a violência contra a ocupação e a posse da terra foi a mais comum, representando 78% do total. Em seguida estão as violências por água, com 12%; trabalhista, 6%; e resistências, 4%.